

Como uma ameaça que ronda: no discurso da convivência com o semiárido, a invenção do “outro”

ALMAIR MORAIS DE SÁ*

Este texto apresenta uma reflexão sobre as operações por meio das quais os discursos da convivência compõem retratos de Semiárido. Pergunto pelo processo de produção de uma identidade, forjada pelos enunciados que irrompem no uso que esses discursos fazem do passado, estabelecendo em termos de verdadeiro ou falso o que pode ser dito sobre o Semiárido, seu povo e suas práticas culturais¹.

É certo que, em nossa sociedade a prática de fixar identidades para as coisas, os lugares, as pessoas, etc. ou, melhor dizendo, a prática de torná-los de alguma maneira identificáveis, é muito recorrente. Ao investir num dado ordenamento discursivo que institui um vocabulário por meio do qual o Semiárido deve ser lido, visto e dito, o discurso da convivência engendra uma operação complexa de construção/afirmação de uma identidade, que é social, econômica, política e culturalmente útil, uma vez que ela legitima determinadas posições de sujeito, estabelece determinadas significações a propósito de uma configuração cultural desejada e apontada como necessária, mobiliza linguagens diversas, recursos financeiros, midiáticos; empreende políticas sociais. Há no discurso da convivência algo para ver, dizer e saber.

Um dos momentos dessa operação compreende a construção de uma visibilidade e de uma dizibilidade a propósito do Semiárido, de sua gente e de suas práticas culturais, que se institui a partir da contestação de outra visibilidade e de outra dizibilidade de existências que são, ao mesmo tempo, anteriores e contemporâneas ao discurso da convivência. É possível,

*Historiador. Mestre em História pela Universidade Federal da Paraíba -UFPB. Pesquisa financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, CNPq. Professor de História da Escola Municipal de Ensino Fundamental Francisco Sales Gadelha de Oliveira, em São Francisco-PB. Professor de Filosofia e Sociologia na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Dr. José Gadelha, em Aparecida-PB.

¹Este texto integra o terceiro capítulo de minha Dissertação de Mestrado intitulada “*Os modos de dizer e de fazer (d)a convivência: enunciados e invenções de semiárido*”, defendida junto ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal da Paraíba, em março de 2012.

portanto, apreender no discurso da convivência a irrupção desse “outro”, que é tomado como seu contrário, seu inimigo, uma ameaça que ronda, aquilo que precisa ser invalidado; é possível diagnosticar marcas de uma identidade contestada. Essa é uma operação que começa a ser desenvolvida já nos primeiros documentos institucionais da Articulação do Semiárido (ASA) e do Instituto Nacional do Semiárido (INSA) e é continuada nas diversas linguagens com as quais essas instituições passam a lidar².

Não irei aqui apresentar o “outro” do discurso da convivência, mas como aquele aparece neste e é por este descrito, recortado e agenciado; o que motiva o seu aparecimento e quais as suas implicações. Nesse sentido, esse “outro” existe não apenas enquanto realidade discursiva, aparentemente independente, assinalada pelo discurso da convivência, mas também enquanto objeto desse discurso. Quero dizer que aí, no discurso da convivência, esse outro está sendo fabricado; aí, investe-se na produção de um saber sobre ele.

A sua descrição irrompe de forma recorrente nas fontes tomadas aqui como objetos de estudo e essa aparição se dá de modos diversos. Por exemplo, quando é consignada à ASA e ao INSA a tarefa de transmutar uma determinada imagem do Semiárido.

*A ASA tem criatividade
Quer progresso sustentável
E vai provar ao mundo
Que o semi-árido é viável
Com força, fé e coragem
Vai mudar a sua imagem³
Nas mentes tem que mudar
Do Sertão, a sua imagem
O que sempre foi ‘barreira’
Com o INSA será ‘passagem’
Porque daqui por diante
‘Semiaridez é vantagem’⁴*

Provar compreende, entre outras coisas, estabelecer a verdade, dar a conhecer. Nesse caso, a verdade que se quer estabelecer ou dar a conhecer repousa na afirmativa de que o Semiárido é viável. Os dois últimos versos do cordel da ASA, citados acima, demonstram como esse provar também significa convencer: não se trata apenas de construir uma verdade, mas de que o “mundo” que não a conhece ou que dela duvida passe a conhecê-la, a impregnar-se dela, a concordar com ela, a repercuti-la, a afirmá-la. O “outro” é enunciado nas

² Cf. SÁ, Almir Morais de. **Os modos de dizer e de fazer (d)a convivência: enunciados e invenções de semiárido**. João Pessoa: UFPB/Programa de Pós-Graduação em História, 2012 (Dissertação de Mestrado).

³Cf. A Articulação no Semi-árido vai mudar o Sertão, p.4.

⁴Cf. O Paradigma das Oportunidades, p.13.

duas estrofes quando da recorrência à necessidade de mudar a imagem do Semiárido ou do Sertão. Se “com força, fé e coragem” a ASA pretende mudar a imagem do Semiárido, qual é a imagem que se tem? E, se “daqui por diante”, ou seja, com o INSA, a semiaridez é vantagem, o que ela foi antes daqui? Eis aí o “outro”.

Diagnóstico semelhante pode ser obtido a partir do título do mais recente cordel produzido pelo INSA bem como da ilustração que ele traz. O título “Outra visão, outro Sertão” dá a ler a existência de duas visões e dois sertões dados a ver, na própria palavra escrita, por meio do uso do pronome outro: uma visão e um sertão ao lado dos quais se colocam outros, aqueles que o INSA enuncia.

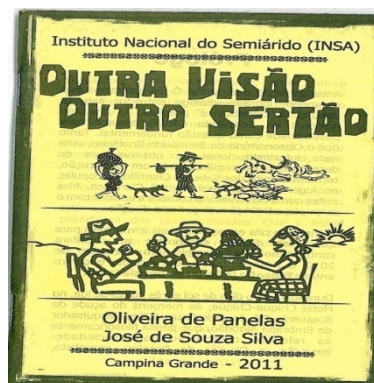


Figura 1: Capa do cordel “Outra Visão, Outro Sertão”

A imagem, também como enunciado, tende a dar formas a essa existência. Em cima, à esquerda, a representação de um homem seguido por um animal e uma mulher; ele a caminhar de cabeça abaixada, com uma vara sobre o ombro direito, suspensa às costas pelo peso de um pequeno fardo; ela, aparentemente grávida, o segue carregando sobre a cabeça um fardo ainda maior. Para onde eles vão? É verdade que não é possível descrever onde eles estão porque nenhum cenário foi desenhado para permitir, a quem vê a imagem, a impressão do lugar por onde passam. As figuras humanas estão simplesmente dispostas ali sobre aquele papel, mas não estão sozinhas; há algo mais naquela imagem, um cenário no qual elas não estão e que está posto à sua frente: um chão rachado e a forma esquelética de um animal. Figura aí uma caminhada – imposta e irremediável – em direção a um horizonte a cada passo mais desolador, onde a ausência de vida se impõe. Embaixo, a representação de três pessoas sentadas em torno de uma mesa farta de comida.

É interessante observar que nos dois casos existe algo posto à frente dessas representações humanas. O que está lá, não está aqui. Se na de cima se impõe a ausência, na

que se encontra abaixo predomina a abundância. Lá está posto o fardo carregado e aqui, as formas da fartura. Lá as representações humanas exibem rostos tristes, aqui abundam sorrisos. Lá, a ritualística do êxodo⁵, o sertanejo itinerante, nômade em sua própria terra; aqui, a celebração da permanência. Lá o rosto da morte, aqui a expressão da vida que pulsa. Mas, a meu ver, essas imagens, como enunciados que estão postos aí não apenas para representar mas para instituir duas visões e dois sertões, não conseguem dizer muito mais do que isso, senão articuladas com outras enunciações empreendidas pelo INSA, no próprio cordel.

Esse “outro” é nomeado pelo INSA. Ele é o “paradigma das adversidades” no qual repousa “uma visão e um pensamento historicamente dominantes, que instituíram o SAB como ‘região problema’”⁶. É a imagem do Sertão, distorcida por uma educação oficial descontextualizada e reprodutora de preconceitos, por “cinco séculos de história mal contada”, por uma “cínica visão enganadora” que o instituiu como lugar estéril, “inviável, bruto, quente, espinhoso e ressequido, habitado por gente miserável”, como pedaço de terra abominável, inferno fabricado como sendo algo natural. Imagem inspiradora de políticas sociais construtoras de uma “rede de indecência”, de onde vem a “indústria da seca” e “a vergonha das ‘frentes de emergência’”; imagem que, no grande tribunal julgador dos dramas sociais desse Sertão, determina a seca como seu único réu – ela é a “única fonte de todos os dramas sociais/ quando algo vai mal, no Semiárido/ botam culpa na água e nada mais”. Imagem despreocupada com a devastação ambiental e que desconsiderou as potencialidades desse Sertão, dando ampla visibilidade aos seus problemas; que fez irromper a imagem da caatinga inútil, da caatinga “obstáculo”. Imagem injusta, na qual repousa um pensar equivocado propositalmente construído “por aquele que se diz ‘superior’” e a partir do qual “Resultou, no Brasil, a divisão/ Que define o Nordeste, “inferior”/Onde um povo não tem perspectiva/ Nem direito a um futuro promissor...”; trama de uma “lavagem cerebral”, “imposta pra muitas gerações/ através de um modelo cultural/ que de forma sutil nos distancia desse nosso real potencial”. Imagem alienadora, que cria para os sertanejos a possibilidade de “viver uma vida sem sentido”; por isso, alguns deixam o Semiárido “desejando uma nova formação” e/ou, diferentemente da ave de arribação de Luís Gonzaga, “batem asas, se vão pra

⁵Essa questão é assinalada por Albuquerque Júnior (2009: 138) ao referenciar o discurso da seca e a produção de uma imagem do Nordeste pensada sempre a partir do deserto e sempre a ignorar as áreas úmidas de sua geografia.

⁶Ver o Prólogo do cordel “Outra Visão, Outro Sertão”.

outras plagas/ na promessa de um mundo ‘evoluído’” e não voltam mais. Imagem deformadora, carregada de um “inóspito contexto”, comandada “por um espírito malfazejo/Sem valores, nem éticos nem estéticos/ Ela foi, pro Sertão, um grande aleijo”. Outro são “as armadilhas que criaram, pra nós, como verdades” ou falsas verdades vigentes que possuem o poder de explicar; são as “pseudo soluções” que “Têm persuasão incrível:/ numa açudagem capenga,/ uma irrigação sofrível,/ em vez de nos levantar/ Rebaixam mais nosso nível”; é o “assistencialismo/ Política compensatória,/ Paliativo, emergência...”, um velho modo de vida sertanejo ou uma velha mentalidade, ou ainda uma velha institucionalidade; é o “joio” , o “antigo Semiárido”, a “farsa” a ser desfeita; é o “Semiárido dado, mas não desejado”, “um lugar sem direito, vez nem voz” feito por “estes mitos que trazem mil mazelas/ que até hoje nos deixam em maus lençóis.⁷

Nos cordéis da ASA, esse “outro” desponta menos como uma imagem construída e mais como uma materialidade experimentada - uma realidade presente, constatada e contestada: é o Semiárido não visto, um país invisível onde vivem milhares de pessoas e onde se sabe que a vida é difícil; é onde “o povo sofre sem água/ milhares até sem luz”; é onde há “gente que vive isolada/ que tem muié, cria filho/ e quando a seca castiga/ morre a cabra, vai-se o milho”; é o sertão em que sempre prevaleceu a falta de expectativa que motivou a migração; é a região atrasada porque nela há “muita desigualdade/ e muita concentração/ de terra, água e riqueza:/ os meios de produção”; é o lugar marcado pelo “...desperdício/ de água lá na cidade” e pela perda de água da chuva “que corre em velocidade/ em procura do oceano/ sem ter muita utilidade”; é o sertanejo que precisa melhorar a auto-estima e o Semiárido afligido pelas queimadas, desmatamentos, usos de agrotóxicos e pela desertificação; é onde “o povo vai se lascar/ doente, se envenenando/ com tanto inseticida/ e a terra, o pão negando/ enquanto os fabricantes/ cada vez mais enricando” e onde o ambiente nem sempre é tratado de forma responsável; é o Semiárido que sofre a deficiência dos serviços de saúde, educação, saneamento básico, lazer e habitação, que não possui uma educação pública de qualidade, onde a realidade regional não é contemplada no ensino do campo; é o Semiárido em que as mulheres e crianças caminham grandes distâncias pra pegar água em açude – elas com a lata d’água na cabeça – e onde se carrega “água de longe no lombo dos animais”; é onde “a água existe/ só é mal distribuída/ o acesso a esta água/ é que não é garantida”; é o lugar ameaçado

⁷Ver os Cordéis do INSA.

pela privatização da água, pelo “enorme desperdício/ também a poluição/ ganância capitalista/ e má distribuição”; é o imperialismo que humilha, produz só pra exportar e que “vai nos levar ao abismo”; é o mundo marcado pela “insegurança total/ seja ela alimentar,/ econômica ou social/ exploração, justiça,/ violência e cobiça/ sistema neoliberal”, “ miséria e poluição/ agressão ao ambiente/ consumo dominante/ deixa o planeta doente/ países industrializados/ dominam os explorados/ desproporcionalmente”; é o povo que não tem vez, nem nome; é a sociedade cujas “relações de poder” entre homens e mulheres são historicamente desiguais, a sociedade de mulheres discriminadas, desvalorizadas e exploradas, do homem que “não ajuda a companheira/ na dura luta diária” e vai para o bar embriagar-se – “o homem batendo a asa/ e a mulher ficando em casa/ com o trabalho pesado”; é a sociedade da “elite capitalista” em que “o menino é ensinado/ a não chorar haja vista/ que só mulher é quem chora/ engole o choro na hora/ numa atitude machista”; é um Sertão velho mundo; é o Semiárido da “velha linha da miséria”.⁸

A enunciação do “outro” como marcação da inviabilidade do Semiárido e/ou de uma visão preconceituosa a ser desconstruída, aparece também nos textos presentes no encarte do CD Belo Sertão.

“É necessário um trabalho de educação popular no seu sentido mais profundo, articulando prática e reflexão, para que se possa desconstruir o conceito de semi-árido que está no imaginário nacional inclusive na população local – e construir um outro conceito que seja adequado ao ambiente”

“Aos olhos de grande parte do país o semi-árido é uma região inviável. Até mesmo grandes estudiosos do Nordeste um dia pensaram em remover a população dessa região”

“A ideia da preguiça, da irresponsabilidade, tantas vezes ocultas nas piadas e insinuações, deriva dessa incompreensão sobre essa cultura festiva. (Encarte do CD BELO SERTÃO).

Tal operação enunciativa - muito semelhante aquela que aparece nos cordéis do INSA quando afirma a vantagem da semiaridez – institui o “outro” como falso conceito de Semiárido. Aí o objeto não corresponde a sua representação. Mas, o discurso da convivência busca o vínculo entre a palavra e a coisa, busca dizer um Semiárido verdadeiro cujo habitante foge a essa “ideia da preguiça, da responsabilidade” e da inviabilidade. O que está posto é o seguinte: não é que o Semiárido seja inviável, mas há uma visão que o instituiu como tal; não há como fazer emergir o Semiárido viável sem combater essa outra visão; é preciso que as

⁸Ver cordéis da ASA.

peças compreendam uma “cultura festiva” para que se desfaça a imagem de preguiça e de irresponsabilidade do sertanejo; é preciso que haja uma “educação popular” para que cambie o conceito de Semiárido.

Observe que aí o “outro” é também o discurso que constrói uma visão pessimista acerca do sertanejo. Tal aparição pode também ser diagnosticada quando é dito que “O Sertanejo não pode/ser visto como coitado /miserável pobre e liso/ só precisando do estado”⁹.

O “outro” é recorrentemente assinalado, no discurso da convivência, considerando o seu conteúdo e a sua repercussão. Ele é enunciado como um problema a ser resolvido, uma pedra no meio do caminho a ser retirada; ele é barreira que impede a passagem da convivência. Ele sobrevive ali, “nas mentes”, ou como conceito, “no imaginário nacional e na população local” – como se ele estivesse impregnado em todas as pessoas ou em “grande parte do país”, orientando o seu modo de pensar o Semiárido -; ou ainda, como “visão e pensamento historicamente dominantes”¹⁰. Ao mesmo tempo, é como se ele fosse monumentalizado e posto à vista de todos como uma lembrança ou uma realidade ruim, como se fosse preciso falar dele e mostrá-lo para poder esquecê-lo – esquecer, portanto, no próprio ato de lembrar – ou para consertá-lo. Tal como a celebração da páscoa foi instituída – na história do “povo de Deus” – para que os judeus recordassem a passagem da escravidão no Egito para a liberdade, a referência recorrente ao “outro” deve fazer lembrar o Semiárido que não mais se quer; deve ser circunscrito dentro das coisas com as quais não mais nos identificamos. É como se todas essas enunciações “pessimistas” tivessem que causar em nós um estranhamento consciente incitando-nos a perguntar: que Semiárido é aquele?; é como se quiséssemos que concordássemos que o Semiárido é viável e que há vantagem na semiaridez e, como elas, negássemos o outro Semiárido. Isso, na verdade, funda uma distância e firma a (in)diferença entre o “outro” e o Semiárido; funda a verdade de que não há progresso fora da convivência.

Se essa visão dita pessimista, acerca do Semiárido, aparece aí não é para revigorar-lhe a força; mas para dizer que seu efeito de verdade não é mais eficiente, é para conter a sua repercussão e reduzir-lhe a virilidade, para interdita-la e dizer que ela não serve mais, para excluí-la em favor de outro(s) efeito(s) de verdade que se pretende(m) obter com o discurso

⁹Ver o cordel O Paradigma das Oportunidades, p.16.

¹⁰Ver o prólogo do cordel “Outra visão, outro Sertão”.

da convivência. Como mostrei no segundo capítulo, a ASA se funda não apenas para formatar um discurso e instituir práticas de convivência, mas para denunciar, combater e extirpar nos planejamentos e ações direcionados ao Semiárido o assistencialismo estéril que sustenta a chamada indústria da seca; ela começa a travar uma batalha no momento mesmo do seu nascimento. Também a existência do INSA só se justifica no tempo em que se tornou necessário, quase que como se não houvesse outra saída, a instauração de uma descontinuidade histórica nas práticas governamentais direcionadas a região semiárida do país, como modo de fortalecer o lugar de poder do Estado enquanto sujeito promotor e estimulador do desenvolvimento regional.

O discurso da convivência, ao reconhecer a repercussão do “outro”, firma uma hierarquização de saberes, em que só há dois lugares ocupados, dentro da qual ele mesmo se coloca em segundo lugar, almejando o primeiro, é claro. Digo que só há dois lugares, porque no modo como esse discurso trabalha – e ele não cessa de (se) trabalhar em cada texto e em cada imagem – na construção/afirmação de uma identidade para o Semiárido, não existe mais do que duas visões e dois sertões em disputa; não há, no discurso da convivência, terceiros para lhe “tirar o sono”. Na “arena da palavra” - nesse lugar em que se mede a força, em que as habilidades são testadas, em que as partes se colocam em combate, em que as armas e as armadilhas meticulosamente preparadas por cada uma delas vêm a público - estão o paradigma das adversidades e o paradigma das potencialidades, ou, em outras palavras, o “discurso da seca” e o discurso da convivência, num enfrentamento ininterrupto, sem comiseração, e, às vezes, sem cautelas. Um enfrentamento que não deseja marcar similaridades, mas estabelecer a incoerência entre um e o outro; um enfrentamento cujo prêmio final deve ser a existência de apenas um deles – a convivência – e a morte do “outro”; um enfrentamento que se estabelece para separar o “joio” do “trigo”. Há entre um e outro um desafeto explícito e irremediável, sem chance de reconciliação!

Trata-se, portanto, de um discurso que se institui a partir de uma relação de oposição – para assinalar a diferença – frente a outro discurso que está, ao mesmo tempo, na condição de possibilidade de existência daquele, tal como ele vem se apresentando. Quero dizer que aquilo que consiste a necessidade econômica e a utilidade política do discurso da convivência só se sustenta, em parte, em face da existência do outro discurso. Em certo sentido, este oferece condições para que aquele exista – o que parece recorrente em algumas construções

identitárias¹¹; este dá peso e valor aos enunciados daquele quando ditos em ocasiões e lugares oportunos. Trata-se de uma operação que, longe de querer taxar o “outro” de sem lógica, busca assinalar uma lógica perversa por meio da qual ele se organiza e perverte os costumes; cria preconceitos e estereótipos.

Como o discurso da convivência não opera sem a ideia de uma identidade fixa, para afirmar a necessidade de mudar uma determinada visão de Semiárido ele atua por meio de uma separação – convivência/combate à seca – e de uma oposição do verdadeiro e do falso – o que assinala uma vontade de verdade aí presente – pondo à margem este último e exercendo sobre ele “uma espécie de pressão e como que um poder de coerção” (FOUCAULT, 2009: 18). Quer dizer: o “outro” não constitui aí uma identidade essencial, mas uma falsa identidade e, portanto, a convivência deve levar a cabo a tarefa de revelar essa essência. De modo que a mudança de dizeres e imagens que vêm se operando com o deslocamento do combate à seca para a concepção de convivência, tal como se enuncia nesta última, não consiste no movimento de uma identidade metamorfoseando-se, mas no intento de estabelecer/fixar uma identidade para o Semiárido, de definir seus traços, de afirmar a sua “cultura”. Esse deslocamento ratifica a busca por uma identidade essencial, verdadeira, marcada ora pela diversidade ora pela afirmação de um modo de ser Semiárido, mas também, e em grande medida, pela vontade de tê-la.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 4.ed. São Paulo: Cortez, 2009.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 19.ed. São Paulo:Edições Loyola, 2009.

SÁ, Almir Morais de. **Os modos de dizer e de fazer (d)a convivência: enunciados e invenções de semiárido**. João Pessoa: UFPB/Programa de Pós-Graduação em História, 2012 (Dissertação de Mestrado).

¹¹Sobre essa questão ver: WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual**. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença: a Perspectiva dos Estudos Culturais**. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual**. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. *Identidade e diferença: a Perspectiva dos Estudos Culturais*. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

CORDÉIS DA ASA

Convivência com o Semi-árido (José Rogaciano S. de Oliveira)

Água no Semi-árido (José Rogaciano S. de Oliveira)

A articulação do Semi-árido vai mudar o Sertão – (Arnaldo e Arno)

Segurança Alimentar (José Rogaciano S. de Oliveira)

Cisterna de Placas: Importância e cuidados - (José Rogaciano S. de Oliveira)

Elas e eles: direitos e deveres (José Rogaciano S. de Oliveira)

A Peleja do Velho Chico contra o Vampiro da transposição (José Rogaciano S. de Oliveira)

CORDÉIS DO INSA

O Paradigma das Oportunidades – (Poeta Oliveira de Panelas)

Outra visão, outro Sertão – (Oliveira de Panelas e José de Souza Silva)

CD

FREITAS, Nilton; Gondim, Targino; MALVEZZI, Roberto. **Belo Sertão: A Convivência com o Semiárido através da música**. s/d. Cd stereo (15 faixas).